



CONTRIBUIÇÕES DAS DIVERSAS LINGUAGENS AO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA BÁSICA

Josandra Araújo Barreto de Melo
Universidade Estadual da Paraíba

Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão acerca da Geografia escolar, na perspectiva de fomentar algumas possibilidades de dinamização do seu ensino, a partir da utilização das diferentes linguagens geográficas. Para alcançar tais objetivos, além de uma breve discussão acerca da importância do acervo de linguagens disponíveis para tal ensino, relatam-se algumas experiências desenvolvidas a partir do Subprojeto de Geografia/PIBID, da Universidade Estadual da Paraíba, desenvolvidas com base na Pedagogia de Projetos, buscando oportunizar a aprendizagem geográfica e minimizar os problemas de déficit de atenção detectados nas turmas participantes, algumas delas caracterizadas por grande dispersão e hiperatividade de parte significativa dos alunos. De forma geral, pode-se afirmar que os resultados da utilização das linguagens no ensino de Geografia vêm sendo satisfatórios, dependendo das características de cada turma e associadas ao domínio do conteúdo e criatividade dos alunos bolsistas do PIBID. Deve-se ressaltar, entretanto, que a intenção neste espaço não é de propor a reprodução de receitas no ensino a partir das linguagens utilizadas, mas fomentar possibilidades na busca por melhorias no processo de ensino e aprendizagem em Geografia.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Linguagens Geográficas. Pedagogia de Projetos.

CONTRIBUTIONS OF THE DIFFERENT LANGUAGES TO THE TEACHING OF GEOGRAPHY IN THE BASIC SCHOOL

Abstract

The present article proposes a reflection about the school Geography, with the perspective of fomenting some possibilities of dynamization of its teaching, from the use of the different geographic languages. In order to reach these objectives, in addition to a brief discussion about the importance of the heap of languages available for such teaching, we report some experiments developed from the

Subprojeto de Geografia/PIBID, of the Universidade Estadual da Paraíba, developed based on Project Pedagogy, seeking to facilitate geographic learning and to minimize the problems of attention deficit detected in the participating classes, some of them characterized by great dispersion and hyperactivity of a significant part of the students. In general, it can be stated that the results of the use of the languages in the teaching of Geography have been satisfactory, depending on the characteristics of each class and associated to the domain of the content and creativity of the PIBID scholarship students. It should be emphasized that the intention in space is not to propose a reproduction of recipes not teaching from the languages, it is blessed possibilities in the search for improvements in the teaching and learning process in Geography.

Keywords: Geography Teaching. Geographic Languages. Pedagogy Projects.

INTRODUÇÃO

A Geografia é uma disciplina que sempre tem estado presente no currículo escolar brasileiro, direta ou indiretamente, desde o período da educação jesuítica até os dias atuais, passando por diversos momentos, que refletem diferentes *status* da matéria na escola, dependendo das exigências do grande capital e de como o sistema capitalista se materializa no território nacional. Esta última assertiva é determinante para as demandas de ensino, haja vista que a escola, conforme analisam Bourdieu e Passeron (1975) é uma instituição a serviço do grande capital e as suas práticas configuram as possibilidades para a reprodução das estruturas sociais de classes.

Ao período anterior à fundação do Imperial Colégio de Pedro II, que ocorreu no início do Século XIX, Rocha (2000) denomina de “Antecedentes”, quando a Geografia não tinha uma existência autônoma enquanto disciplina escolar, sendo frequentemente utilizada para subsidiar a compreensão de temáticas específicas de outras áreas, prática denominada de erudito. Naquele momento, a sua existência também estava bastante relacionada à Matemática e Astronomia, na medida em que se realizavam cálculos da esfera terrestre, dentre outras análises que não estavam diretamente relacionadas ao que mais tarde viria a ser o enfoque do ensino da disciplina escolar Geografia: as relações entre a sociedade e a natureza na conformação do espaço geográfico.

No interstício de mais de cem anos em que a Geografia encontra-se oficialmente presente no currículo, muito vem se discutindo sobre as questões metodológicas que envolvem o seu ensino, haja vista que o mesmo, desde o princípio, vem se desenvolvendo a partir de técnicas próprias do método tradicional, o que faz com que, como destaca Castrogiovanni (2007), tal disciplina seja considerada por muitos alunos como desinteressante, permanecendo a ideia de uma matéria meramente descritiva e de memorização.

Tais constatações vêm sendo discutidas há mais de um século, conforme analisa Albuquerque (2011), quando apresenta uma citação de José Veríssimo, ainda no final do Século XIX, questionando a necessidade de mudança nas práticas de

ensino da disciplina, naquele tempo, já consideradas ultrapassadas e pouco interessantes para os estudantes da escola básica. Na sequência do texto, a mencionada autora continuou resgatando considerações semelhantes efetuadas por outros autores acerca do mesmo objeto de discussão: as metodologias arcaicas de ensino da Geografia e a necessidade de mudanças.

Também na mesma compreensão, Lacoste (1997) analisa a Geografia ensinada nesses moldes como uma disciplina simplória e enfadonha, conforme trecho da obra “A Geografia, isso serve em primeiro lugar para fazer a Guerra”. Descreve o autor:

Uma disciplina maçante, mas antes de tudo simplória, pois, como qualquer um sabe, “em Geografia nada há para entender, mas é preciso ter memória...” De qualquer forma, após alguns anos, os alunos não querem mais ouvir falar dessas aulas que enumeram, para cada região ou para cada país, o relevo – clima – vegetação – população – agricultura – cidades – indústrias (Ibidem, p. 21).

E, assim, converge a compreensão dos vários autores que analisam a Geografia escolar, desde a sua institucionalização como disciplina escolar no Brasil, fato que, na conjuntura atual de globalização, com tecnologias ao alcance dos alunos e de muitas transformações nas formas de relações sociais e, até mesmo no seio das famílias, a escola tem a obrigação de adotar novas posturas, haja vista que, se não agir assim, perderá o seu espaço enquanto principal meio de informação e cultura para os alunos. Em outras palavras, um novo paradigma emerge e exige novas posturas frente ao papel da escola.

No que concerne ao ensino no presente, é essencial que se tenha tal compreensão e que, principalmente, busquem-se contribuições para que alunos e professores resgatem as potencialidades da Geografia enquanto disciplina escolar, quer seja na compreensão do significado do espaço geográfico, quer no conhecimento das múltiplas dimensões da realidade social, natural, cultural e histórica, que se manifestam nas transformações de tal espaço.

Conforme ressalta Cavalcanti (1998), o conhecimento geográfico mediado nas instituições escolares deve ir bem além do estudo das nomenclaturas. A Geografia necessita, antes de tudo, adotar novas metodologias no ensino e contribuir para a formação geral dos alunos, fazendo com que eles saibam que são cidadãos ativos na sociedade e não apenas meros reprodutores de conhecimentos prontos e acabados. É necessário que os alunos conheçam a funcionalidade da disciplina estudada percebendo, assim, que a Geografia está presente no cotidiano da escola, do bairro, da cidade... que tal conhecimento tem utilidade em suas vidas, lhes propiciando a compreensão da realidade circundante para, então, poder atuar sobre a mesma. Dessa forma, se faz necessário que se repense a função da Geografia no currículo escolar, desde as séries iniciais até o final da escolarização básica.

No bojo dessas discussões, foi elaborado o Subprojeto Geografia, PIBID/UEPB, tendo como objetivos reduzir a distância entre a teoria e a prática do ensino de Geografia, a partir da oportunização de condições para que os licenciandos (bolsistas do PIBID) possam incluir na formação reflexões e discussões sobre as metodologias de ensinar e aprender Geografia, o conhecimento do espaço escolar e das relações que nele se processam; resgatar a teoria do ensino da Geografia, discutindo as possibilidades de sua aplicação em sala de aula, considerando a dinâmica própria de cada escola e de como a disciplina escolar se desenvolve nessa conjuntura; identificar o potencial dos trabalhos e relações construídas na escola enquanto campo de pesquisa; e, por fim, a elaboração/implementação de projetos de intervenção e/ou colaboração, a partir do diagnóstico da realidade das turmas e suas apreensões e/ou sugestões para o aprimoramento das aulas.

Para alcançar tais objetivos, muito se tem pesquisado acerca do papel das diferentes linguagens no ensino da Geografia. Para Pontuschka (2008, p. 215), “as linguagens constituem recursos didáticos que necessitam ser utilizados no mundo atual, seja na instituição escolar, seja em outros caminhos ou lugares, porque, por meio delas, os horizontes do conhecimento se abrem”. Dessa forma, a sua utilização é primordial para dar vida aos conteúdos geográficos, tornando-os significativos para os alunos, sobretudo quando estes percebem que a Geografia está no cotidiano.

A partir dessa compreensão, esta coordenação de área, juntamente aos supervisores e bolsistas do Subprojeto Geografia/PIBID/UEPB, têm procurado, dentro da realidade de cada escola integrante do Subprojeto, implementar alternativas para alcançar tais objetivos, levando sempre em consideração as perguntas-chaves, colocadas por Souza Neto (2003) quando se refere à problematização das técnicas no ato de ensinar: a quem ensinar? O que ensinar? Como ensinar? E, quando ensinar? Estas questões são imprescindíveis para se ministrar boas aulas de Geografia e possibilitar o alcance dos objetivos da disciplina.

Tal compreensão faz com que os alunos da licenciatura se vejam desafiados a buscar alternativas para que as suas experiências em sala de aula venham a ser exitosas. Para isso, a participação no PIBID desempenha importante papel, na medida em que, visando aprimorar a formação inicial e continuada no contexto das licenciaturas, através do estreitamento das distâncias entre universidade e escola básica, bem como contribuindo para a renovação das práticas adotadas em sala de aula, constitui uma oportunidade para que os licenciandos conheçam o espaço escolar, vivenciem a sua realidade e, principalmente, consigam implementar metodologias significativas no contexto da aprendizagem da disciplina Geografia, possibilitando refletir acerca das prováveis falhas encontradas no ensino, buscando possíveis formas de revertê-las.

Mediante o exposto, o presente artigo tem como objetivos propor uma reflexão acerca da Geografia escolar, na perspectiva de fomentar algumas possibilidades de dinamização de tal ensino, a partir da utilização das diferentes linguagens. Para alcançá-los, apresentam-se algumas experiências desenvolvidas a partir do Subprojeto de Geografia/PIBID, da Universidade Estadual da Paraíba, desenvolvidas com base na Pedagogia de Projetos.

O SUBPROJETO GEOGRAFIA/PIBID/UEPB

O Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba começou a integrar o universo de cursos participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID - da Instituição no segundo semestre de 2012, sofrendo algumas adaptações para cumprir exigências dos editais da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, mais especificamente no início do ano de 2014 e no segundo semestre do ano de 2016. Neste último, em voga o cenário de crise atual e do corte de verbas de custeio do programa, as ações foram orientadas de modo a que tal ensino possa contribuir para o fortalecimento do letramento científico, sobretudo oportunizando a inserção de escolas localizadas em áreas periféricas, que precisam de incrementos para aumentar o rendimento escolar dos alunos, de modo a elevar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB.

O Subprojeto conta com 15 alunos da licenciatura, que integram o grupo de bolsistas, juntamente com três professores supervisores (efetivos da rede básica de ensino do Estado da Paraíba, em atividade em sala de aula) e coordenação de área (Professora Coordenadora da Área de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado do Departamento de Geografia/UEPB). Após o ingresso no programa, os bolsistas PIBID passam a integrar a equipe participante do Grupo de Pesquisa Ensino de Geografia – GPEG, cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

No âmbito do Subprojeto, os bolsistas desenvolvem as intervenções nas escolas participantes. Na atualidade, são três unidades, todas localizadas na cidade de Campina Grande, a saber: Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria Emília Oliveira de Almeida, localizada no bairro Presidente Médice; Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio São Sebastião, localizada no bairro do Alto Branco; e, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Itam Pereira, localizada no bairro de Bodocongó.

Das mencionadas escolas, duas ingressaram no Subprojeto no segundo semestre de 2016 (a Escola Professor Itam Pereira e a Escola Maria Emília de Oliveira Almeida). A Escola São Sebastião já integrava a equipe, juntamente com as egressas Escola Estadual de Ensino Médio Integrado Severino Cabral e Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, também localizadas na zona urbana de Campina Grande. Algumas das experiências apresentadas no decorrer deste artigo foram realizadas nessas escolas, haja vista os resultados obtidos a partir da implementação dos projetos nas escolas que ingressaram no programa no último ano ainda estarem em fase de sistematização.

Sobre a vivência e atuação dos bolsistas nas escolas, sempre ocorre em anuência com a programação dos professores supervisores (um professor de Geografia por escola), a partir da distribuição dos bolsistas em turmas de Ensino Fundamental e Médio. Após o primeiro contato com as turmas, os bolsistas são orientados a aplicar um roteiro de entrevista semi-estruturada, denominado “Diagnóstico”, que tem a função de conhecer melhor as turmas em que desenvolverão as suas intervenções. Por meio deste instrumento de pesquisa, os alunos da escola básica

são indagados acerca da Geografia Escolar, das metodologias de ensino da disciplina desenvolvidas ao longo da escolarização anterior e atual, das possíveis lacunas por eles evidenciadas nesse ensino e, principalmente, das sugestões por eles apresentadas para aprimorar as aulas, tornando-as mais dinâmicas. Tais pilares constituem a base para o planejamento e execução dos projetos de intervenção e/ou colaboração, elaborados pelos bolsistas, tomando-se por base os pressupostos da Pedagogia de Projetos, considerando-se a viabilidade para a sua materialidade no contexto das aulas de Geografia, dentro do programa previsto pelos professores supervisores.

Os projetos de intervenção e/ou colaboração, em sua maioria, têm sido desenvolvidos objetivando tornar as aulas da disciplina Geografia mais participativas e, sobretudo, procurando atribuir significado aos conteúdos, a partir de situações problema, da incorporação do espaço de vivência dos alunos no contexto das aulas, do resgate das categorias de análise da Geografia e, principalmente, fazendo uso da articulação entre as diferentes escalas geográficas, principalmente entre as escalas global e local, fazendo uso das recomendações de Callai (2001) e Castro (2001).

É importante considerar que a implementação de um projeto dessa natureza não é uma tarefa fácil para os bolsistas, visto que eles ainda não tem uma formação sólida, alguns são estudantes do 3º ou 4º período da licenciatura; além disso, as turmas, em grande parte, apresentam-se bastante dinâmicas, além de apresentarem considerável déficit de atenção e descompasso entre o nível real e o ideal de aprendizagem, questões estas que se traduzem em exígua participação e desinteresse nas aulas que, em certos momentos, se tornam algazarra, impossibilitando os professores executarem o trabalho, questões que comprometem o ensino e aprendizagem na disciplina e que requerem dos bolsistas o desenvolvimento de habilidades e posturas de professores, de forma antecipada.

Mediante tais constatações, fica notório que a maioria das turmas precisa de atividades que as mantenha, a maior parte do tempo, ocupadas. Nesse sentido, fez-se necessário a utilização de metodologias mais dinâmicas associadas ao uso das diversas linguagens, que permitam aos alunos participarem ativamente do desenvolvimento das aulas. Além disso, em sua maioria, os projetos são realizados também com atividades extraclasse, em que os alunos são instigados ao desenvolvimento de práticas, a partir do espaço de vivência, de um novo olhar espacial, construído a partir das metodologias mais participativas.

Há de se considerar também que os projetos são desenvolvidos de forma articulada com os conteúdos do currículo da disciplina Geografia, em cada série. Apenas extraordinariamente é que se desenvolvem atividades autônomas, isso só acontece quando há uma demanda específica. Na verdade, procura-se seguir as estratégias utilizadas por Silva e Melo (2013), em que as atividades efetuadas são pensadas e planejadas de acordo com os conteúdos trabalhados em cada aula.

No entanto, os bolsistas são orientados a participarem efetivamente do calendário das escolas, participando colaborativamente nas atividades de Mostra Pedagógica, Reuniões de Pais e Mestres, atividades preparatórias para o Exame

Nacional do Ensino Médio, estas últimas são muito reconhecidas pelos discentes, que atribuem mérito aos bolsistas pelo empenho no planejamento e execução dos simulados. De uma forma geral, o PIBID proporciona aos bolsistas a vivência no contexto escolar, fortalecendo a identidade profissional.

Por fim, há que se considerar que as atividades sempre são selecionadas respeitando o nível cognitivo dos alunos, oportunizando aos mesmos expressarem as suas habilidades e conhecimentos. Para isso, a participação dos professores supervisores do PIBID é fundamental. No caso do Subprojeto de Geografia, as reuniões entre bolsistas e professores supervisores ocorrem quinzenalmente. Nessas ocasiões, os professores atribuem aos bolsistas algumas responsabilidades, a exemplo da pesquisa de materiais que subsidiem o tratamento de determinados conteúdos, além da discussão sobre cada projeto de intervenção, fazendo a constante avaliação dos avanços, necessidades de recuo, enfim, as questões que possibilitam aos bolsistas crescerem enquanto profissionais na educação geográfica: futuros professores de Geografia.

PROJETOS DESENVOLVIDOS A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DE LINGUAGENS

Diante das transformações da sociedade, em especial da forte veiculação da tecnologia no cotidiano, a escola deve conseguir se apropriar das diversas linguagens disponíveis como instrumentos de comunicação, auxiliando para a melhor compreensão dos conteúdos, para a análise e interpretações dos escritos, de forma a que o aluno amplie a sua capacidade de assimilar os conteúdos e, com isso, aprenda a aprender.

Existem várias alternativas que possibilitam a utilização das diversas linguagens nas aulas de Geografia, porém é preciso salientar que tais atividades devem estar intimamente relacionadas aos objetivos de cada conteúdo trabalhado, conforme recomenda Passini (2010, p. 103), quando menciona a importância da utilização de jogos no ensino de Geografia: “O professor deve usar sua inventividade para criar seus próprios jogos, de acordo com os objetivos de ensino-aprendizagem, que tenham em vista e de forma a adequá-los ao conteúdo a ser estudado”.

Cientes dessas necessidades, pressupostos e possibilidades, as ações do Subprojeto Geografia/PIBID/UEPB, bem como do Grupo de Pesquisa em Ensino de Geografia – GPEG - são voltadas para a utilização das diversas linguagens no ensino, de forma a possibilitar a articulação entre teoria e prática, de forma a dar significado aos conhecimentos geográficos, a partir da incorporação do espaço de vivência dos alunos no contexto das aulas de Geografia, possibilitando articular as diversas escalas geográficas, sem necessariamente trabalhar numa perspectiva concêntrica, conforme recomendações de Callai (2001).

Como recorte para esta análise, apresenta-se no Quadro 1 algumas linguagens utilizadas nos anos letivos de 2014, 2015 e primeiro semestreⁱ de 2016 no âmbito do Subprojeto Geografia/PIBID/UEPB, que possibilitaram a elaboração e publicação de artigos em eventos científicos voltados à educação.

Em todas as unidades educacionais, a elaboração dos projetos partiu de um conhecimento prévio das turmas e da tentativa de suprir necessidades relacionadas

ao ensino de Geografia, identificadas a partir da aplicação de entrevistas semiestruturadas junto aos alunos. É importante salientar também que foi respeitado o programa da disciplina de Geografia para cada série, ou seja, todos os projetos foram desenvolvidos em conformidade com os conteúdos do currículo.

Nessa conjuntura, os projetos partiram de aulas expositivas sobre as diversas temáticas, utilizando-se das mais variadas linguagens e metodologias, todas de cunho participativo, com abordagem qualitativa, construídas a partir de um referencial bibliográfico que procurou valorizar o espaço de vivência dos alunos, visto que se trabalhou a percepção que cada indivíduo tem acerca dos conteúdos, entendendo que o sujeito está relacionado intrinsecamente com o cotidiano e a produção do espaço local. Entretanto, em algumas situações, também se trabalhou a partir da escala global, articulando-a com a escala geográfica local, conforme as recomendações de Callai (2001).

Todos os projetos também foram ancorados na utilização das categorias de análise, empregadas como âncora para discutir as diversas temáticas e, assim, tornar o trabalho, de fato, geográfico. A partir deste entendimento e das características das turmas participantes, os bolsistas fizeram uso das linguagens que mais se adequavam ao perfil dos alunos, utilizando estratégias para ampliar a participação nas aulas. Para isso, foram utilizados trabalhos em grupo, construção de material didático e de cunho cartográfico, como é o caso da produção de maquetes e mapas mentais.

Em parte significativa dos projetos realizados, a culminância se deu através de um estudo de campo, porém este, na maioria das vezes, dependente da disponibilidade de transporte, por parte da Universidade Estadual da Paraíba o que, nem sempre, foi possível. Outros trabalhos de campo foram desenvolvidos nas imediações das escolas participantes do Subprojeto, o que gerou resultados também muito profícuos, a exemplo do trabalho de Brito et al. (2015), desenvolvido quando o professor de Geografia trabalhou o conteúdo Geomorfologia no 1º ano do Ensino Médio.

No contexto das aulas sobre o conteúdo de Geomorfologia, os autores conseguiram trabalhar através da linguagem cartográfica e aula de campo o relevo do Riacho das Piabas, que corta o bairro do Alto Branco. Este conteúdo requer a utilização de diferentes linguagens, haja vista assumir a atribuição de propiciar aos alunos a reflexão a cerca de seu papel na produção do espaço geográfico, assim como a compreensão das problemáticas socioambientais advindas da sua apropriação inadequada (contexto vivenciado pelos discentes). Neste sentido, seu ensino deve ser conduzido considerando os referenciais da Educação Geográfica que chamam a atenção para a utilização do espaço vivido, para que os alunos se sintam sujeitos de processo de produção espacial, como propõem Resende (1995), Cavalcanti (1999), Callai (2009), dentre outros autores.

Quadro 1: Principais linguagens utilizadas nos Projetos de Intervenção dos bolsistas do Subprojeto Geografia/PIBID/UEPB, relacionadas as suas respectivas publicações.

Escolas participantes do subprojeto Geografia/PIBID/UEPB	Referências dos artigos publicados	Linguagens utilizadas nos projetos desenvolvidos
Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand	(SILVA; ALMEIDA; MELO, 2015) (SILVA; SILVA; MELO, 2014)	1) Atividades lúdicas para o estudo da Região Semiárida brasileira. 2) Literatura Regionalista, Cordel e trabalho de campo para trabalhar o Nordeste e a região Semiárida
	(SILVA; MELO; ALMEIDA, 2015)	1) Trabalho de campo para trabalhar a crise da água e a paisagem do Semiárido paraibano
	(SOUSA; ALMEIDA; MELO, 2015) (SOUSA; ALMEIDA; MELO, 2014) (SOUSA; MELO; ALMEIDA, 2014) (SOUSA; MELO; ALMEIDA, 2016)	1) Jogos digitais para trabalhar o espaço urbano e a sustentabilidade 2) Teatro e ensino de Geografia: relato de experiência a partir do PIBID 3) Utilização de vídeo-reportagens para trabalhar o conceito de espaço geográfico e globalização. 4) Utilização de jogos digitais para trabalhar o conceito de sustentabilidade nas aulas de Geografia
	(BRITO et al., 2015) (SILVA; MELO; SILVA, 2015a) (SILVA; MELO; SILVA, 2015b) (LOPES; MELO, 2015) (LOPES; SILVA; MELO, 2015) (LOPES; MELO; SILVA, 2015) (BARROS; MELO, 2015) (BARROS et al., 2015) (FREITAS et al., 2015)	1) Novas tecnologias e alfabetização cartográfica para trabalhar o relevo a partir das categorias lugar e paisagem.
1) Novas tecnologias (Google Earth Pro e Google Maps) para trabalhar o espaço geográfico nas aulas de Geografia 2) Alfabetização cartográfica no ensino de Geografia		
1) O uso de metodologias alternativas nas aulas de Geografia como instrumento de compreensão do espaço urbano. 2) Utilização de mapas mentais e maquetes na representação do espaço de vivência. 3) Estratégias didáticas para a compreensão dos conteúdos da Geografia		
1) Linguagem cartográfica para trabalhar a formação do leitor consciente de mapas 2) Trabalho com mapas e formação do leitor consciente		
1) Alfabetização cartográfica		
Escola Estadual de Ensino Médio Integrado Severino Cabral	(NASCIMENTO; MELO, 2015)	1) Literatura de Cordel para dinamizar as aulas de Geografia Trabalho de campo
	(OLIVEIRA; MELO, 2014)	1) O Livro didático e a sua contribuição no ensino de Geografia
	(SANTOS; MELO; SANTOS, 2015) (SANTOS; MELO, 2014)	1) Utilização da linguagem musical e da literatura de cordel para dinamizar as aulas de Geografia 2) Ensino de Geografia, música e as diversas escalas geográficas
	(SILVA et al., 2015)	1) Linguagem cartográfica e novas tecnologias (Google Earth e Google Maps)
	(NASCIMENTO; MELO, 2015a) (NASCIMENTO; MELO, 2015b)	1) Estratégias metodológicas para o ensino de Geografia no nível médio 2) Histórias em Quadrinhos, práticas interdisciplinares e ensino de Geografia

Fonte: Elaborado pela autora.

O relevo do bairro do Alto Branco e demais bairros localizados na zona norte da cidade de Campina Grande, apresenta bastante diversidade de formas,

representando as áreas mais altas da cidade. Tais áreas íngremes, em alguns trechos, são cortadas por vales e cursos de água. Um desses cursos, o de maior expressão, constitui um canal fluvial, denominado Riacho das Piabas, que deságua no Açude Velho, cartão postal da cidade, localizado em sua área central. Parte deste riacho é urbanizada e a parte a montante, mais periférica, não tem área de preservação permanente e muitas residências são construídas às suas margens e até mesmo no leito menor (Comunidade Rosa Mística), o que acarreta em práticas inadequadas como disposição inadequada de resíduos sólidos, o que acarreta em inundações quando da incidência de chuvas na cidade.

Os autores procuraram trabalhar com metodologia consoante a de Ascensão (2009), de forma a que a percepção dos alunos acerca da problemática das construções em áreas de preservação permanente constituísse o ponto de partida para o desenvolvimento do projeto. A intensa participação da turma também possibilitou uma discussão sobre a produção do espaço geográfico, sobre as diferentes paisagens construídas a partir do acesso (ou não) ao capital e as consequências sobre a natureza e sobre a sociedade. Tais discussões serviram de base para a equipe do PIBID fazer uso da linguagem cartográfica juntamente com os alunos, conforme pode ser visualizado na Figura 1.

Figura 1: Confeção da maquete do relevo do Riacho das Piabas, Campina Grande, PB.



Fonte: BRITO, D. G. Julho-2016

A base cartográfica para a construção da maquete foi o recorte da Carta Topográfica de Campina Grande- PB, que representa do entorno do Riacho das Piabas, abrangendo os bairros das residências da maioria dos discentes. Esta

atividade subdividiu-se em cinco etapas: transposição das curvas de nível para as placas de isopor; cobertura da superfície de isopor com massa corrida; lixa da massa corrida para tornar a superfície lisa; pintura com as cores altimétricas; discussão da apropriação do relevo local, tendo como base a maquete para reflexão e construção do conhecimento.

Toda a turma se envolveu com a construção da maquete, o que fez com que a equipe tomasse como subsídio teórico as recomendações de Simielli (2003, p.103), na vertente “mapeador consciente”, em que os alunos participam ativamente do processo de mapeamento através de sua confecção. Desta forma, no decorrer da confecção da maquete, que é uma representação do relevo tridimensional, tornou-se compreensível à carta topográfica no plano bidimensional e, assim, a compreensão do relevo.

Com a maquete pronta foi possível correlacionar esta representação com a realidade percebida diariamente pelos alunos. Assumindo a proposta construtivista, onde através de interações os discentes são capazes de construir os conceitos das mesoformas de relevo ao invés a adquiri-los de forma estática. Acerca da maquete que representa o relevo, Simielli (2003) afirma que:

O importante é que se trabalhe com o uso da maquete e nesta situação vamos ter um importantíssimo instrumento para trabalhar a correlação, porque a maquete em si, sendo um produto tridimensional, estará dando a possibilidade de o aluno ver as diferentes formas topográficas, as altitudes de um determinado espaço e, em função disso, pode-se trabalhar várias outras informações correlacionando com estas formas topográficas (ibidem, 103).

Desta forma, foi discutido o modo como estas formas foram ocupadas no processo de urbanização de Campina Grande, utilizando a maquete para exemplificação do papel deste componente na produção do espaço urbano, como um elemento capaz de atuar na segregação socioespacial, a partir do poder aquisitivo da população, haja vista que o relevo imprime características de amenidades ou de riscos. Neste sentido, com esta prática de correlação com a realidade, permite a formulação do domínio espacial ao realizar a síntese deste fenômeno espacial e compreender o seu papel na produção espacial, ao discente se reportar ao processo de produção do espaço e confrontá-lo com a configuração espacial no mapa, como apontam Almeida; Passini (1991).

Os resultados obtidos no projeto aliaram o conhecimento empírico trazido pelos alunos sobre o lugar de vivência com o conteúdo programático, possibilitando aos bolsistas o desenvolvimento do projeto e a sua teorização, numa perspectiva cíclica teoria-prática-teoria, ou seja, partiram da teoria, aliaram-na ao cotidiano escolar e reconstruíram-na e, dessa forma, conseguiram dar significado ao conteúdo geomorfologia, que requer diversas estratégias para despertar nos

alunos interesse por compreendê-lo; por outro lado, os alunos se sentiram instigados a ampliar os seus conhecimentos, por compreenderem que a temática está presente no cotidiano.

Outro exemplo que pode ser mencionado concerne à utilização de múltiplas linguagens. Trata-se de uma prática desenvolvida por Sousa et al. (2016), a partir da utilização dos jogos digitais e maquetes para trabalhar o conceito de sustentabilidade nas aulas de Geografia. O projeto foi desenvolvido na Escola Assis Chateaubriand e partiu da necessidade de incorporar ao processo de ensino e aprendizagem a utilização de diversas estratégias metodológicas na construção de uma prática pedagógica em Geografia preocupada em consolidar a relevância dessa disciplina como conhecimento que está além dos muros da escola, adentrando no cotidiano dos alunos, tornando-os sujeitos da produção de múltiplos espaços.

Tendo que trabalhar a temática sustentabilidade em conformidade com o programa da disciplina, a equipe do PIBID desenvolveu diversas estratégias para alcançar a meta. Começou por promover o debate acerca da temática ambiental, identificando no espaço de vivência aspectos de sustentabilidade, assim, compreendendo práticas que possibilitem a melhoria da qualidade de vida em sociedade.

Em sequência, tomando-se como referência o jogo digital “*Simcity*”, a equipe estimulou as turmas a refletirem sobre a sustentabilidade, a partir das categorias geográficas lugar e paisagem, direcionando para a necessidade de planejamento de ambientes sustentáveis (cidade sustentável, casa sustentável e escola sustentável), os quais foram materializados através da construção de maquetes que representaram tais ambientes. A Figura 2 apresenta os diferentes ambientes representados pelos alunos.

A partir da apresentação das maquetes, os alunos promoveram momentos de descontração e aprendizagem, ao explicarem como tornar os diferentes espaços sustentáveis; nesse sentido, abordaram as diferentes fontes de energias alternativas e demonstraram preocupação com as atitudes individuais numa espécie de co-responsabilidade ambiental.

Dessa forma, os resultados obtidos a partir das linguagens possibilitaram destacar a intensa participação dos alunos, a modificação dos estereótipos construídos acerca da Geografia, assim como a formação de alunos construtores do próprio conhecimento, refletindo a Geografia não apenas como uma disciplina escolar, mas como prática de vida.

Todos os trabalhos apresentados no Quadro 1 possibilitaram o desenvolvimento de um ensino de Geografia mais significativo e reflexivo, uma vez que os alunos foram instigados a participar, pesquisar sobre os conteúdos, elaborar e apresentar os trabalhos, construir material didático e, ao mesmo tempo, dinamizar as aulas de Geografia, fazendo-se uso das diversas linguagens. Tudo isso foi responsável pelo processo de construção dos conceitos espaciais.

Figura 2. Ambientes sustentáveis representados pelos alunos da Escola Estadual Assis Chateaubriand.



Fonte: Sousa, J. M. F. de (2015).

Ao trabalhar para alcançar os objetivos traçados em cada projeto, os bolsistas constataram uma expressiva melhora no desempenho dos alunos, que interagiam, discutiam e, sobretudo, revelavam anseio em aprender, contrariando muitas conclusões aligeiradas e preconceituosas, comumente difundidas a respeito da indisposição dos alunos para a aprendizagem.

Contudo, é importante mencionar que é necessário muita cautela ao adotar a utilização de cada uma das linguagens geográficas, pois as mesmas precisam ser utilizadas como propostas que instiguem os alunos a aprender, fazendo-se necessário que estejam ancoradas nos objetivos a serem alcançados, o que faz com que o professor não se exima do seu papel de mediador do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São inúmeros os desafios encontrados pelos professores em sala de aula e bastante árduo o processo de ensino e aprendizagem, especialmente quando se trata do ensino público do Brasil, por questões seculares de desvalorização da educação como um todo. No âmbito da Geografia escolar, tais problemas aparecem, talvez, até em uma dimensão maior, uma vez que é uma disciplina ainda enxergada, por muitos, como enfadonha, desinteressante e sem aplicação prática. O ensino desenvolvido na maioria das escolas é pautado no professor como o cerne do conhecimento, onde os alunos são meros receptores de informações, as aulas não fazem uso de recursos didáticos, não há problematizações. Reverter este quadro não é uma tarefa fácil e, para que isto ocorra, o professor precisa ser inovador em suas aulas, motivando os alunos.

Entretanto, os resultados de cada intervenção desenvolvida no Subprojeto Geografia/PIBID/UEPB permitem analisar que a utilização das diversas linguagens da Geografia como estratégia para tornar as aulas mais dinâmicas foi significativa para o aprendizado dos alunos, pois os mesmos participaram dos diversos projetos ativamente, questionando e fazendo a utilização de seu conhecimento prévio para a construção do saber científico.

O uso das diversas linguagens aplicadas ao ensino de Geografia mostrou ser uma eficaz alternativa para despertar o interesse e participação do alunado das unidades escolares participantes do mencionado subprojeto. Se bem planejadas e com propósitos bem definidos, tais ferramentas contribuem para construção do conhecimento, tornando os alunos seres pensantes, longe da passividade.

Por fim, não se pode deixar de mencionar que trabalhos dessa natureza mostram que um ensino de melhor qualidade é viável; que é possível desconstruir os equívocos de um ensino de Geografia enfadonho e desconectado da realidade dos alunos; que é factível fomentar uma graduação em licenciatura que articule teoria e prática. Essas são considerações pertinentes a fazer, num momento em que se assiste ao ataque à legislação educacional brasileira, desmotivando e desencorajando a escolha pela docência.

Desta forma, pode-se afirmar que mesmo diante das dificuldades encontradas pelo professor, em especial aqueles da rede pública, é possível fazer algum tipo de trabalho que motive os alunos. O lúdico revelou-se uma alternativa favorável para se trabalhar em sala de aula, uma vez que o resultado de sua adesão foi absolutamente positivo.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. A. M. de. Século de prática de ensino de Geografia: permanências e mudanças. In: KAERCHER N. J. et. al. Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio. 2ª Ed. Porto Alegre: Penso, 2011, 184 p., p. 12-26.
- ALMEIDA, R. D. ; PASSINI, E. Y. O Espaço Geográfico: ensino e representação. 3ª ed. São Paulo: contexto, 1991.
- ASCENÇÃO, V. de O. R. Os conhecimentos docentes e a abordagem do relevo e suas dinâmicas nos anos finais do ensino fundamental. 151 fls. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Minas Gerais: Programa de Pós-Graduação em Geografia. Belo Horizonte, 2009.
- BARROS, N. F. de; MELO, J. A. B. de. Ensino de Geografia: possibilidades de formação do leitor consciente a partir da correlação entre mapas físicos e políticos do Brasil. In: V Encontro de Iniciação à Docência da UEPB, 2015, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2015a. v. 1. p. 1-8.
- _____; SILVA, G. C. da.; MELO, J. A. B. de. Trabalho com mapas e formação do leitor consciente: relatos do Subprojeto Geografia/PIBID/UEPB. In: II Congresso Nacional de Educação, 2015, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2015b. v. 1. p. 1-12.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. A reprodução. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRITO, D. G.; MELO, J. A. B. de; SILVA, G. C. da. O ensino de Geografia: trabalhando o relevo através das categorias geográficas lugar e paisagem. In: V Encontro de Iniciação à Docência da UEPB, 2015, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2015. v. 1. p. 1-8.

CALLAI, H. C. A Geografia e a escola: muda a Geografia? muda o ensino? Revista Terra Livre, n. 16, 2001, p. 133-152.

_____. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. 7ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

CASTRO, I. E. de. O problema da escala. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da. C.; CORRÊA, R. L. (Org.) Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001, p. 117-140.

CASTROGIOVANNI, A. C. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de Geografia na pós-modernidade. In: REGO, N; CASTROGIOVANNI, A. C; KAECHER, N. A. Geografia. Porto Alegre: Artemed, 2007.

CAVALCANTI, L. de S. Geografia, escola e construção de conhecimentos. 16. ed. São Paulo: PAPIRUS, 1998.

_____. Propostas curriculares de Geografia no ensino: algumas referências de análise. Terra Livre, São Paulo, Jan/Jun, 1999, p.125-145.

FREITAS, V. da S. ; MELO, J. A. B. de ; SILVA, G. C. da . Alfabetização cartográfica e construção das noções cartográficas a partir do espaço vivido: construindo leitores críticos. In: V Encontro de Iniciação à Docência da UEPB, 2015, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2015. v. 1. p. 1-13.

LACOSTE, Y. A Geografia: isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra. Tradução: Maria Cecília França. 4ª. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

LOPES, G. T.; MELO, J. A. B. de. Estratégias didáticas para a compreensão dos conteúdos nas aulas de Geografia. In: 3o Seminário de Geografia e Ensino, 2015, Campina Grande. Anais... Campina Grande: UFCG, 2015. v. 1. p. 1-9.

_____. ; SILVA, G. C. da; MELO, J. A. B. de. Utilização de mapas mentais e maquetes na representação do espaço de vivência. In: II Congresso Nacional de Educação, 2015, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2015. v. 1. p. 1-11.

_____. ; MELO, J. A. B. de; SILVA, G. C. da. O uso de metodologias alternativas nas aulas de Geografia como instrumento de compreensão do espaço urbano. In: V Encontro de Iniciação à Docência da UEPB, 2015, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2015. v. 1. p. 1-9.

NASCIMENTO, D. A. do; MELO, J. A. B. de. A inserção da literatura de cordel em aulas de Geografia: relato de experiência a partir do PIBID/UEPB. In: II Congresso Nacional de Educação, 2015, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2015. v. 1. p. 1-8.

NASCIMENTO, L. F. A ; MELO, J. A. B. de. Estratégias metodológicas para o ensino de Geografia no nível médio. In: V Encontro de Iniciação à Docência da UEPB, 2015, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2015a. v. 1. p. 1-10.

_____. Histórias em quadrinhos, práticas interdisciplinares e ensino de Geografia. In: II Congresso Nacional de Educação, 2015, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2015b. v. 1. p. 1-19.

OLIVEIRA, D. S.; MELO, J. A. B. de. O livro didático e sua contribuição no ensino de Geografia: experiências do PIBID. In: Congresso Internacional Educação e Inclusão: Práticas Pedagógicas, Direitos Humanos e Interculturalidades, 2014, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Eventos e Editora, 2014. v. 1.

PASSINI, E. Y. *Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.*

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. Para ensinar e aprender Geografia. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

RESENDE, M. S. O saber do aluno e o ensino de geografia. VESENTINI, J. W. (org.). Geografia e ensino: Textos críticos. Campinas, SP: Papirus, 1995, p.83-115.

ROCHA, G. O. R. Uma breve história da formação do professor de Geografia no Brasil. Revista Terra Livre, n. 15, 2000.

SANTOS, G. H. de M.; MELO, J. A. B. de. Ensino de Geografia, música e diversas escalas geográficas: análise de experiência desenvolvida no âmbito do Subprojeto Geografia PIBID/UEPB. In: Encontro de Iniciação à Docência da UEPB, 2014, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Eventos e Editora, 2014. v. 1.

_____. ; SANTOS, E. A. Utilização de linguagem musical e de literatura de cordel enquanto recursos didáticos em aulas de Geografia. In: V Encontro de Iniciação à Docência da UEPB, 2015, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2015. v. 1. p. 1-10.

SILVA, A. P. da; SILVA, C. A. B.; MELO, J. A. B. de. Nordeste e Semiárido: a contribuição do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência no âmbito escolar. In: Encontro de Iniciação à Docência da UEPB, 2014, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Eventos e Editora, 2014. v. 1.

_____. ; ALMEIDA, J. N. de; MELO, J. A. B. de. A utilização do lúdico para o estudo do Semiárido brasileiro nas aulas de Geografia. In: V Encontro de Iniciação à Docência da UEPB, 2015, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2015. v. 1. p. 1-10.

SILVA, C. A. B.; MELO, J. A. B. de.; ALMEIDA, J. N. de. Crise da água e ensino de Geografia: reflexões a partir da categoria geográfica paisagem. In: V Encontro de Iniciação à Docência da UEPB, 2015, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2015. v. 1. p. 1-10.

SILVA, F. F. da; MELO, J. A. B. de; SILVA, G. C. da. A utilização do Google Maps e do Google Earth Pro nas aulas de Geografia: experiência na E.E.E.F.M. São Sebastião, Campina Grande, PB. In: II Congresso Nacional de Educação, 2015, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2015. v. 1. p. 1-9.

_____. Ensino de Geografia: a utilização de recursos didáticos para a alfabetização cartográfica. In: V Encontro de Iniciação à Docência da UEPB, 2015, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2015. v. 1. p. 1-12.

SILVA, J. B. R. da ; MELO, J. A. B. de.; SANTOS, E. A. A Cartografia escolar como arte e técnica: contribuições do PIBID à Geografia Escolar. In: V Encontro de Iniciação à Docência da UEPB, 2015, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2015. v. 1. p. 1-12.

SIMIELLI, M. E. R. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: Carlos, A. F. A.(Org.). A geografia na sala de aula. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, A. da S.; MELO, J. A. B. de. A globalização como possibilidade de intervir no cotidiano das aulas de Geografia. *Revista de Geografia (UFPE)*. V. 30, No. 1, p. 73-90, 2013.

SOUZA, J. M. F. de; MELO, J. A. B. de; ALMEIDA, J. N. de. Espaço e globalização: dinamizando as aulas de Geografia por meio da construção de vídeo reportagens. In: *Encontro de Iniciação à Docência da UEPB, 2014, Campina Grande. Anais...* Campina Grande: Realize Eventos e Editora, 2014, v. 1.

_____. ; ALMEIDA, J. N. de ; MELO, J. A. B. de.. Teatro e ensino de Geografia: relato de experiência a partir do PIBID, Subprojeto de Geografia/UEPB. In: *Congresso Nacional de Educação, 2014, Campina Grande. Anais...* Campina Grande: Realize Eventos e Editora, 2014. v. 1.

_____. Construção de conceitos e conhecimentos acerca da temática sustentabilidade, a partir da utilização de jogos digitais no ensino de Geografia. In: *V Encontro de Iniciação à Docência da UEPB, 2015, Campina Grande. Anais...* Campina Grande: Realize Editora, 2015. v. 1. p. 1-12.

_____. Utilização de jogos digitais para trabalhar o conceito de sustentabilidade nas aulas de Geografia. *Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas*, v. 6, n. 12, p. 234-245, jul./dez., 2016.

SOUZA NETO, M. F. *A aula de Geografia*. João Pessoa: Editora Bagagem, 2003.

Contato com o autor: Josandra Araújo Barreto de Melo <ajosandra@yahoo.com.br>

Recebido em: 16/07/2017

Aprovado em: 23/12/2017

ⁱ No segundo semestre de 2016 houve seleção para professores supervisores do Subprojeto, ingressando no programa as Escolas Estaduais Maria Emília Oliveira de Almeida e Senador Argemiro de Figueiredo – POLIVALENTE, em substituição as Escolas Assis Chateaubriand e Severino Cabral.